

O POTENCIAL ECONÓMICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Pág.2

**Prémio António
José da Silva**
A força
ficcional
de *Nossa
Senhora
da Açoteia*

Pág. 3

**Educação
para o
Desenvolvimento**
Nove ONGD
cofinanciadas

Pág. 4

CVC
Dois novos
cursos no
1.º semestre
de 2012/2013

Pág. 4

Alemanha
João Salaviza
em retrospectiva
dos 'Ursos
de Ouro'

Pág. 4

**Festival
de cultura
dos países
de língua
portuguesa
em Berlim**

Pág. 4

Valor económico da língua portuguesa em livro

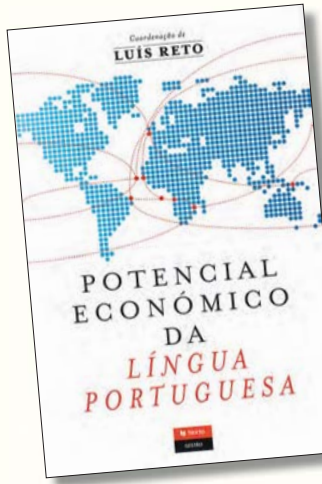
Os estudos conduzidos por uma equipa de investigadores do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) sobre o valor económico da língua portuguesa, a pedido do Camões, IP, estão finalmente em livro, sob a chancela da Texto (grupo Leya).

O *Potencial Económico da Língua Portuguesa* compreende o estudo que pela primeira vez estimou em 17% o peso da língua no PIB português, a partir de um método criado por Martin Municio (e aplicado a Espanha, onde o espanhol representa 15% do PIB).

O livro agora publicado com o mesmo título em português e em inglês, são apresentados estudos ligados às relações entre variáveis económicas/sociais e língua, efetuados pela equipa liderada por Luís Reto e constituída pelos investigadores José Paulo Esperança, Mohamed Azzim Gulamhussen, Fernando Luis Machado e António Firmino da Costa. Na segunda parte, dá conta dos resultados de um inquérito sobre «usos e perceção dos utilizadores da língua», realizado junto de cerca de 2.500 aprendizes de português nas universidades e escolas do mundo em que existem centros de língua e leitorados apoiados pelo Instituto Camões (atual Camões - Instituto da Cooperação e da Língua) em 2008.

Para 2010, o livro indica a existência de 254,54 milhões de «falantes nativos» de português, correspondente às populações dos 8 países de língua oficial portuguesa, o que compara com os «cerca» de 400 milhões (os dados mais precisos divergem) de falantes de cada um dos universos de espanhol e inglês. Valor para o português que não compreende pequenos núcleos de falantes nativos noutros territórios (Goa, Macau) nem os emigrantes fora do espaço lusófono. Os autores reconhecem que «nem todos os naturais» dos 8 países, nomeadamente os africanos e os timorenses, têm o português como língua materna.

Este universo de falantes e países corresponde a 2 e 64% da população mundial e a 3,85% do PIB mundial, respetivamente. Os estudos colocam a língua portuguesa entre a dezena de idiomas «supercentrais», que rodeiam o inglês «hipercentral» e a vaticina-lhe «um lugar de relevo no contexto mundial deste novo século», ao falar do «efeito de rede». Este efeito, estudado para outras áreas, como as telecomunicações ou as redes sociais, postula que «o valor económico da língua resulta sobretudo das economias de rede que lhes estão associadas». «Quando maior o número e a riqueza dos utilizadores de



As tarefas do português globalizado

Vários países de língua oficial portuguesa têm vindo a tornar-se atrativos para os investidores e empreendedores. Por este motivo, assistimos a um interesse crescente pela língua portuguesa. Percebe-se que o domínio do português potencia oportunidade de negócio e, por esse motivo, países como a China elegeram a aprendizagem da nossa língua como objetivo estratégico.

Por si só, estes dados atestam o potencial económico da língua. Uma política de língua adequada deve interpretar estes dados e dar uma resposta que permita que este potencial se desenvolva. Parece-me que essa política de língua deverá ter em conta os seguintes aspetos: a variação linguística, a finalidade da aprendizagem da língua e a relevância das terminologias técnico-científicas.

Sabendo-se que o português tem características específicas nas diferentes regiões em que é falado, será necessário que decisores e professores tenham consciência da naturalidade da

variação linguística e que saibam adequar o ensino e os materiais produzidos à variação, não assumindo atitudes de preconceito e elegendo uma das variantes como «superior», «melhor» ou «mais relevante», e entendendo que, em diferentes contextos sociolinguísticos, é preferível reconhecer que o português é ensinado mais eficientemente se se admitir que o contacto linguístico é uma realidade e que a nossa língua é minoritária face a outras. De igual modo, importará adequar a política a diferentes fins. Se percebemos que a língua é procurada pelo seu potencial para negócios e em lugares específicos, é inteligente partir desse interesse, nas estratégias de divulgação e promoção da língua, e oferecer cursos de ensino da língua adequados aos fins e aos diferentes públicos.

Quando se fala de português para fins específicos, deve ser claro que há um trabalho importante a fazer no domínio da língua de especialidade. Um português globalizado e utilizado para fins que

um idioma, maior o seu valor para o utilizador».

IMPACTO DA LÍNGUA NO IDE A avaliação do peso económico da língua, a obra dá atenção ao valor das indústrias culturais e criativas (dependentes fortemente do fator língua), apresentadas hoje em dia como um importante instrumento de criação de riqueza e emprego. Reportando-se a um estudo de 2008 da empresa Augusto Mateus e Associados, indica que aquele setor representava em 2006 2,8% de toda a riqueza criada em Portugal.

Inovador nos estudos publicados relativamente a Portugal e ao português é a avaliação feita no livro do efeito da língua no comércio externo e no investimento direto estrangeiro (IDE). Se no caso do comércio externo, «a proximidade linguística tem um impacto quase nulo nas importações» de Portugal, já «o peso de Angola» nas exportações portuguesas «faz com que os países de língua oficial portuguesa absorvam cerca de 8% das exportações nacionais». No comércio externo, o estudo deteta que os fatores relevantes são «a proximidade geográfica e a integração económica».

O mesmo não acontece no IDE português, em que «a proximidade linguística é muito importante». Os autores, que teorizam sobre as barreiras que as diferenças de língua e cultura constituem ao IDE, escrevem que «Brasil e Angola têm um peso muito significativo, na medida em que representam 17% das saídas de investimento direto com origem em Portugal». «Também à entrada se

verifica um peso superior ao natural do investimento direto, oriundo principalmente do Brasil e Angola, representando 5,7% do total em 2010».

Influenciados também por fatores linguísticos estão os fluxos migratórios e o turismo. Aliás, «o fluxo com maior sensibilidade à proximidade linguística é o das migrações», afirma o livro, em que se pode ler que, segundo dados de 2009, «mais de 50% dos imigrantes que residem em Portugal são oriundos dos países de língua portuguesa». No sentido contrário, «apesar da preferência por locais de destino mais ricos, cerca de 16% dos emigrantes portugueses optaram por países de língua oficial portuguesa, com destaque para Angola e Moçambique».

Quanto às remessas dos emigrantes portugueses, os dados sugerem, no dizer dos investigadores, que a maioria dos que estão estabelecidos no Brasil encontram-se aí de uma «forma mais duradoura, enquanto os de Angola enviam remessas de montante próximo das que são enviadas pelos emigrantes em países europeus».

O FUTURO

Quanto ao impacto da língua no turismo, ele é «muito moderado», refere o livro, que acrescenta permitir uma «análise mais fina» verificar que «uma percentagem dos turistas brasileiros na Europa faz pelo menos uma paragem em Portugal», aspeto também registado com nacionais de outros países de língua oficial portuguesa, permitindo prever «uma forte expansão do número de visitantes oriundos desses países, à medida que a classe média se consolida e o nível de turismo se intensifique». Brasil e Cabo Verde são por seu lado «locais de destino muito procurados» por portugueses.

Na síntese final do estudo, afirma-se que «a língua portuguesa é hoje uma das mais influentes do mundo, com tendência para o crescimento dos seus falantes, dos utilizados e como segunda língua e da sua afirmação e este último um aspeto também abordado nos estudos.

A implantação do português como «língua de comunicação internacional» é atribuída ao «crescimento económico muito acentuado na última década, com destaque para Angola e o Brasil», às «boas práticas de governo em praticamente todo o universo dos países de expressão portuguesa» e ao «reconhecimento internacional de personalidades e instituições do espaço lusófono» em paralelo com a afirmação de empresas multinacionais e universidades com sede nacionais destes países.

«O elevado grau de intercompreensão entre os falantes de português, apesar de algumas diferenças lexicais e gramaticais», também é enfatizado no livro, que diz ser isso uma «mais-valia». «A coesão de uma língua reforça a sua vantagem comparativa no quadro da globalização», afirmam os autores citando o académico espanhol José Luis Garcia Delgado.

Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL

Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia A força ficcional de Nossa Senhora da Açoteia

De que trata *Nossa Senhora da Açoteia*, a peça de Luís Campião (38 anos) que ganhou em setembro a edição de 2012 do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva, atribuído anualmente num concurso aberto a brasileiros e portugueses por uma parceria da Fumarte, do Brasil, e do Camões, IP?

«Resistindo» a falar sobre os seus trabalhos, Luís Campião, numa entrevista a que respondeu por escrito, acaba por dizer, à laia de sinopse, que, «numa primeira leitura a *Nossa Senhora da Açoteia* é um monólogo onde uma «mulher» conta a sua história e a das suas anteriores gerações – bisavós, avós e mãe –, especificamente nas suas relações com os homens com quem casaram, tendo como cenário social e geográfico uma fábrica de conservas de peixe no Algarve litoral».

Mais adiante acabará por «fundamentar» vários aspetos deste seu trabalho, produzido no âmbito do mestrado que frequenta em *Teatro - Escritas de Cena*, com coordenação do dramaturgo Armando Nascimento Rosa, na Escola Superior de Teatro e Cinema em Lisboa. Mas a recusa em «explicar» ou «justificar» os seus trabalhos tem a ver com a liberdade que ele entende dever ser deixada a quem com ela monta um espetáculo e a fruí. «Compete» ao público «traçar as suas próprias linhas de leitura, os seus próprios sentidos», diz. Teme que se «interpretar» a peça condicione



A Cova dos Ladrões. Peça de Luís Miguel Campião, levada à cena em 2010 pela Acta - A Companhia de Teatro do Algarve, com encenação de Paulo Moreira

«possíveis leituras ou perspetivas de receção» que o podem «surprender». O mesmo se aplica ao trabalho do encenador. «Aquilo que imagino poderá nem sempre estar presente no que o encenador irá desenhar no espetáculo. (...) Não me preocupo se aquilo que depois vejo em palco é o outro o espetáculo que imaginei. Isso é o trabalho do encenador».

Não quer isto dizer que o processo de escrita seja «aleatório». Luís Campião tenta ser «preciso» e «cla-

ro», garante. Quando escreve teatro tem «perfeita consciência» do que está a fazer e vai criando a sua «visão cénica». Mas o que tem vindo a aprender e a descobrir - o que «muito prazer» lhe tem dado - «é lançar desafios à encenação». «Não penso especificamente que irei encenar ou interpretar o meu próprio texto. (...) Quando estou a escrever, estou só a escrever, não estou a encenar».

Esta escrita é, no entanto, uma escrita teatral. «Teatro e literatura

são para mim duas coisas diferentes. E eu não faço literatura, faço teatro», diz. Investe «na eficácia do texto dramático e no seu potencial de representação», que define como «algo que em palco «provoca uma forte reação no espetador, que agarra, que prende, que agita, que surpreende, que faz sentir, que não deixa ninguém indiferente, porque «o diabo é o aborrecimento»».

Tem, no entanto, uma «relação muito pessoal, íntima até», com o que escreve, o que no caso de *Nossa Senhora da Açoteia* - que diz ter «vários níveis de leitura» - se traduziu num «exercício de memória sobre um Algarve vívido e depois imaginado (a minha avó trabalhou numa fábrica de conservas de peixe), e a ação do relato das memórias da personagem em monólogo».

VIOLÊNCIA

Aparentemente, o texto começou por ser um exercício, quando o vencedor do Prémio António José da Silva diz que as suas «primeiras preocupações foram (...) formas; uma tentativa de cruzar (ou encontrar modos de contágio entre) a narração oral com a escrita para teatro», projeto que levou consigo para o mestrado. Para tal, viu documentos, entrevistas, pessoas ligadas à fábrica onde trabalhou a avó, falou com familiares, relatos que serviram para alimentar o seu «imaginário» e apropriar-se de «algumas das expressões e regionalismos» que «ajudaram a caracterizar a personagem». Só que se viu «traição pela força da ficção».

«O maior interesse da personagem está na história dela e não tanto na dicção da história; depende muito mais da narrativa e muito menos do gesto dramático», declara. E assume assim como um gesto «propositado» a quase «ausência de didascalias» [indicações cenográficas].

Manteve, contudo, a «premissa» que o guiava: «o poder que os homens achavam que exerciam sobre as mulheres - e que, em todos os tempos, era bem real - mas que, no fundo, eram as mulheres que sobre elas exerciam um poder ainda maior. Isto contextualizado no seio de uma família que viu, de geração em geração, um padrão de violência repetir-se até à personagem que relata os acontecimentos».

A violência é, segundo Luís Campião, um tema que sempre o interessou e que é recorrente nos seus textos. «Trata-se na escrita e uma forma de tentar perceber as suas razões, motivações e consequências», diz, citando em seguida a dramaturga britânica Sarah Kane, conhecida pelas suas peças de violência extrema. O foco de Luís Campião está na violência no seio da família, que quer perceber, escrevendo sobre ela. «É como colocar uma ação, uma situação no microscópio, e deixa-la crescer, observar o que acontece. A imaginação, a ficção, fazem o resto», advoga.

«Na *Nossa Senhora da Açoteia* interessa-me explorar a violência até a um nível extremo, diria até do macabro, do horror, de algo que impressiona; principalmente porque estava a falar de casamento, e de relações entre homens e mulheres», caracteriza. «Não precisamos ir à Síria ou ao Iraque para testemunhar violência extrema, pois ela existe debaixo do nosso teto». Depois, afirma, «em confronto com a violência» coloca o humor. «Bastante negro, bastante subtil». «Divirto-me com os opostos, com os contrários, com aquilo que não se deve dizer»; em identificar e trazer para a discussão a perversidade que identifique no ser humano no trato quotidiano, e que, à lapa do teatro, tanto transportar para o que escrevo».

Luís Miguel Campião «Artista de teatro»

Ator, encenador ou dramaturgo? «Artista de teatro» - é o que dizem os recibos verdes de Luís Miguel Campião, 38 anos, vencedor em 2012 do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva, e é assim que ele se define. «O melhor, defino-me naquilo que estou a fazer no momento», explica.

Licenciado em Teatro - Ramo Atores, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, concluiu a sua pós-graduação em Letras Dramáticas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Frequenta, atualmente, o mestrado em *Teatro - Escritas de Cena*, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa.

A sua formação de origem é de ator e Luís Campião não sabe se deixou de ser. Mas acredita que a forma como pensa o teatro «é do

ponto de vista do ator». A *Nossa Senhora da Açoteia*, o texto com que ganhou o Prémio, «é um monólogo, e penso que é um bom desafio para um ator».

Entre 2001 e 2011, fez a sua nota biográfica, «desenvolveu trabalho em várias áreas no domínio do Teatro. Como ator independente trabalhou com Mário Barradas, Rogério de Carvalho, Joana Providência, entre outros. Como encenador dirigiu textos de Sarah Kane, Bertolt Brecht, Alberto Adellach, Esther Gerritsen, Fausto Paravidino».

Da licenciatura, durante 3 anos, destaca o trabalho com Polina Klimovitskaya, directora do *Terra Incognita Theater* (Nova Iorque) e, mais tarde, «uma experiência igualmente marcante com o Guennadi Bogdanov, num



seminário para encenadores, no D. Maria II». Foram experiências que classifica como «únicas, que moldaram completamente» a sua visão do teatro, na herança de Stanislavski, Tchekov, Meyerhold e Grotowski, que identifica como mestres na sua formação.

Também da formação é diz «adorar trabalhar com não-atores, principalmente adolescentes e seniores». Em 2010, encenou *Terror e Miséria do III Reich*, de Bertold

Brecht, com uma turma do 2º ano do curso de interpretação do Conservatório de Música da Jobra, na Branca, ao pé de Albergaria a Nova, apresentado no Teatro Helena Sá e Costa, no Porto. «Muito intenso». Destaca também o trabalho no Instituto de Cultura de Portimão/ Universidade Sénior.

«Seja como ator, encenador, dramaturgo, a motivação é a mesma. Os processos é que são diferentes, mas todos eles partem do real. Da minha observação do real», explica.

A chegada à escrita de teatro foi motivada, no seu dizer, «por uma certa urgência, ou necessidade, ou por estar farto de fazer e que na altura andava a fazer o que não me satisfazia. Sentia um impulso criador que o trabalho enquanto ator não colmatava, e que a ausência de uma estrutura de produção não me permitia encenar de forma regular e sistemática, de modo a sentir-me realizado». A escrita surgiu-lhe «como o exercício mais libertador e criativo - embora o mais difícil» -, que

pôde realizar no domínio do teatro. O seu primeiro contacto foi com o dramaturgo francês Joseph Danan. «Mais recentemente tem sido marcante a sua experiência com o Armando Nascimento Rosa, assim como foi e tem sido, o contacto que mantenho com o Pedro Eiras».

A *Cova dos Ladrões*, peça da sua autoria, foi levada à cena pela Acta - A Companhia de Teatro do Algarve, em 2010, e diz não ter nenhum texto na gaveta, mas «alguns na cabeça». Presentemente está a meio de uma peça - «o oposto de *Nossa Senhora da Açoteia*» -, pela necessidade que sentiu de «memória contrapor o presente, «personagens urbanas», de uma geração, e do monólogo, «diálogos rápidos, extremamente ritmados».

«Depois disto, pretendo voltar ao que inicieei com a *Nossa Senhora*, naquilo que eu entendo que possa ser uma segunda parte de um díptico, e aí pretendo ir mais longe na exploração do cruzamento da narração oral com a escrita para teatro», promete Luís Miguel Campião, «artista de teatro».

Londres Lançamento de obra dirigida por Severiano Teixeira e Costa Pinto

¶ O livro *The Europeanization of Portuguese Democracy* (Columbia University Press, 2012), organizado pelos académicos portugueses Nuno Severiano Teixeira e António Costa Pinto, será lançado a 19 de outubro, em Londres, numa iniciativa do Camões Center for Studies in Portuguese Language and Culture (CELCP), no King's College London, em associação com o Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa.

O livro será apresentado por Luísa Pinto Teixeira, responsável do CELCP, e comentado pelos dois organizadores, seguido de um debate para o qual foram convidados docentes e investigadores do King's College London.

O livro «analisa a forma como a União Europeia ajudou a moldar o processo político em Portugal nas principais instituições, nas elites e nas atitudes dos cidadãos», escreve-se na apresentação do lançamento. «Impulsionada principalmente por preocupações políticas de garantir a democracia, a adesão de Portugal à UE em 1986 também serviu como um catalisador para um dinâmico desenvolvimento económico após um complexo processo de democratização e descolonização do último império da Europa».

O lançamento faz parte do programa oficial do 'Festival de Artes & Humanidades 2012' do King's College London, cujo tema este ano é 'Metamorfoses: Transformações e Convergências nas Artes e Humanidades', e que ocorre de 13 a 27 de Outubro no King's College London.

Alemanha Rafa, de João Salaviza, em retrospectiva dos 'Ursos de Ouro'



¶ *Rafa* (2012), que ganhou em fevereiro de 2012 o Urso de Ouro na categoria de curtas-metragens no Festival de Berlim, e o realizador João Salaviza vão estar a 29 de novembro no encerramento da retrospectiva '60 anos de Ursos de Ouro'.

O ciclo, iniciado a 13 de setembro, apresenta em oito sessões no Cinema Arsenal, na Potsdamer Straße 2 de Berlim, uma seleção de 30 curtas e longas-metragens de produção europeia que foram premiadas no âmbito dos Ursos de Ouro desde 1951 até atualidade.

A organização da retrospectiva é da responsabilidade da EUNIC (rede de institutos nacionais de cultura da União Europeia), de que o Camões, IP

faz parte, ao Cinema Arsenal e à Berlinale (Festival Internacional de Cinema de Berlim).

Além do Urso de Ouro, Salaviza já recebeu em 2009 a Palma de Ouro do festival de cinema de Cannes, em França, pelo seu filme *Arena*, e o prêmio de melhor realizador no festival IndieLisboa, pelo filme *Cerro Negro*, obras que, juntamente com *Rafa*, o cineasta diz constituírem uma trilogia.

Festival de cultura dos países de língua portuguesa em Berlim

¶ Aguilusa, Ondjaki, Sérgio Tréfaut, Pedro Sena-Lino, Diana Andringa e Madreus são alguns dos nomes que vão estar no festival de cultura dos países de língua portuguesa, promovido pela publicação em linha *Berlinda.org* - dedicada à interação cultural entre Berlim e o mundo de língua portuguesa - na capital alemã entre 17 de outubro e 17 de novembro.

«Durante um mês inteiro, as manifestações culturais dos vários países de língua portuguesa nas áreas da literatura, música, cinema e artes plásticas terão um lugar de destaque na capital alemã», promete um comunicado da *Berlinda.org*, de que é principal figura a portuguesa Inês Thomas Almeida.

Na área da literatura, o festival, que tem o apoio do Camões, IP, «conta com escritores como os angolanos Ondjaki e José Eduardo Agualusa, os brasileiros Marcelo Ferroni e Luiz Ruffato e o português Pedro Sena-Lino, bem como a são-tomense Inocência Mata, especialista em literaturas africanas».

Na área musical, estará Aline Frazão, «a mais nova revelação da música angolana», e os portugueses Eduardo Jordão e João Vasco. A Longa Noite da Música reunirá músicos e performers dos diferentes países de língua portuguesa, e, «como introdução ao mês de festividades», haverá «o concerto dos *Madreus Haus der Kulturen der Welt Royal*, comemorativo dos 25 anos de carreira do grupo».

O cinema dos países de língua portuguesa trará a Berlim Sérgio Tréfaut e Diana Andringa, bem como do produtor e diretor do Festival Dockanema (Maputo), Pedro Pimenta.

Educação para o Desenvolvimento Nove ONGD cofinanciadas

¶ Nove projetos de Educação para o Desenvolvimento (EpD) de 4 Organizações Não-Governamentais de Desenvolvimento (ONGD) portuguesas vão receber um total de mais de 400 mil euros, no âmbito da fase de candidaturas de 2012 a cofinanciamentos do Camões, IP, segundo foi anunciado em setembro pela Divisão de Apoio à Sociedade Civil do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua.

Entre as ONGD que viram os seus projetos contemplados estão o Instituto Marquês de Valle Flor (IMVF, 5 projetos - 226.283,52 euros), o Centro de Informação e Documentação *Amílcar Cabral* (CIDAC, 2 projetos - 116.779,68 euros), o Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária (ISU, 1 projeto - 48.647,00) e a Oikos - Cooperação e Desenvolvimento (1 projeto - 9.592,00). Seis dos 9 projetos representam «fases subsequentes» de projetos já anteriormente apoiados pelo antigo IPAD (atual Camões, IP) no âmbito da anterior fase de candidaturas, em 2010. Os novos 3 projetos apoiados têm cofinanciamento aprovado pela Comissão Europeia, o que significa que, por exigência desta, todos eles são levados a cabo por consórcios de ONGD de pelo menos três países europeus.

De fora ficaram 3 projetos, de 3 ONGD, que, embora «tendo con-

dições de cofinanciamento», «não foram selecionados», atendendo à verba disponível. Um outro projeto candidato a estes dinheiros exclusivamente para ONGD portuguesas foi considerado «como não tendo condições de vir a ser cofinanciado».

A EpD, diferentemente do que a expressão possa sugerir, não diz respeito a projetos educativos, como construção de escolas ou formação de professores, em países em desenvolvimento. Os projetos e iniciativas que foram objeto de uma decisão de cofinanciamento inserem-se numa linha que se destina a sensibilizar e educar grupos-alvo em Portugal - seja o público em geral seja grupos específicos, como escolas e professores da educação formal - para «as realidades dos países em desenvolvimento, da desigualdade e da injustiça distributiva a nível internacional», explica António Torres, técnico da Divisão de Apoio à Sociedade Civil do Camões, IP.

Originalmente, o objetivo da EpD era «criar apoio público em volta das políticas de ajuda e cooperação com os países em desenvolvimento». Mas, desde há alguns anos, a EpD, desenvolvida pelas ONGD, «começou a não ser exclusivamente falar sobre os países em desenvolvimento» e passou a ter uma «dimensão mais pedagógica» e «crítica» e a estar «mais focada

nas questões da educação para a cidadania global».

Trata-se de formar em contexto formal, isto é, escolar, ou não formal, cidadãos «capazes de desempenharem bem o seu papel» nos campos ambiental, da participação política, dos direitos humanos, da interculturalidade, da prevenção e resolução de conflitos, num mundo globalizado, enuncia aquele técnico.

Em Portugal, na sequência de trabalho efetuado desde 2001 pelo antigo IPAD com a plataforma das ONGD, que representa «um número significativo» destas organizações no país, foi criada em 2005 uma linha de financiamento para projetos de EpD - à semente-lhaça do que a Comissão Europeia fazia desde 1978 -, cujas verbas são atribuídas até ao seu esgotamento no quadro de uma fase de candidatura anual (apenas em 2011 tal não aconteceu) e depois da análise e classificação dos projetos. Os contemplados são depois acompanhados física e financeiramente pelo Camões, IP.

Além de gerir esta linha de financiamento, o Camões, IP tem a seu cargo a estratégia nacional de EpD 2010-2015, formulada com o envolvimento de departamentos públicos e organizações da sociedade civil, e a participação nesta área nas redes e organizações internacionais europeias - Comissão Europeia, Centro Norte-Sul, Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento da OCDE, Global Education Network, European Multi-stakeholder Group on Development Education, atualmente co-presidido pelo Camões, IP e pela Concord, a plataforma europeia de ONGD.

Dois novos cursos no 1º semestre de 2012/2013



¶ Dois novos cursos integram a oferta de ensino a distância do Centro Virtual Camões (CVC) para o 1º semestre de 2012/2013, a iniciar a 23 de outubro na plataforma de formação do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua.

Portugal e os pós-colonialismos: conceitos, contextos, vozes e Ferramentas da Linguística Computacional para Ensino do Português são os novos cursos disponibilizados pelo CVC, a par de mais outros 8 já ministrados anteriormente no sistema de ensino a distância.

A coordenação do curso pós-graduado de especialização *Portugal e os pós-colonialismos* é da responsabilidade dos professores universitários Margarida Calafate

Ribeiro e Roberto Vecchi, respetivamente responsável e diretor da Cátedra *Eduardo Lourenço* Universidade de Bolonha/Camões, IP

O curso, destinado a alunos que falam português, «tem como objectivo geral dar a conhecer e reflectir num plano avançado sobre a duração histórica, social, política e epistémica dos espaços de língua portuguesa, a partir da análise das relações coloniais que antiga e violentamente os uniram e fragmentaram», diz uma apresentação deste projeto.

O curso de formação continua de professores *Ferramentas da Linguística Computacional para Ensino do Português*, creditado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, pretende

«divulgar um conjunto de recursos linguísticos e de ferramentas disponíveis na internet, exemplificando como estes podem ser utilizados no desenvolvimento de materiais didáticos para ensino de Português, tanto língua materna como não-materna».

A coordenação e a tutoria do curso são da responsabilidade de Jorge Baptista, docente da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (UALG).



Camões, IP

Av. da Liberdade, n.º 270

1250-149 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlenkarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Margarida Duarte

COLABORAÇÃO Carlos Lobato